

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Cachoeira**

código  
**AVII - FO1 - Mir**

localização  
**Km 8 da RJ116, que liga Itaboraí a Itaperuna, passando por Miracema.**

município  
**Miracema**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**gado leiteiro / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



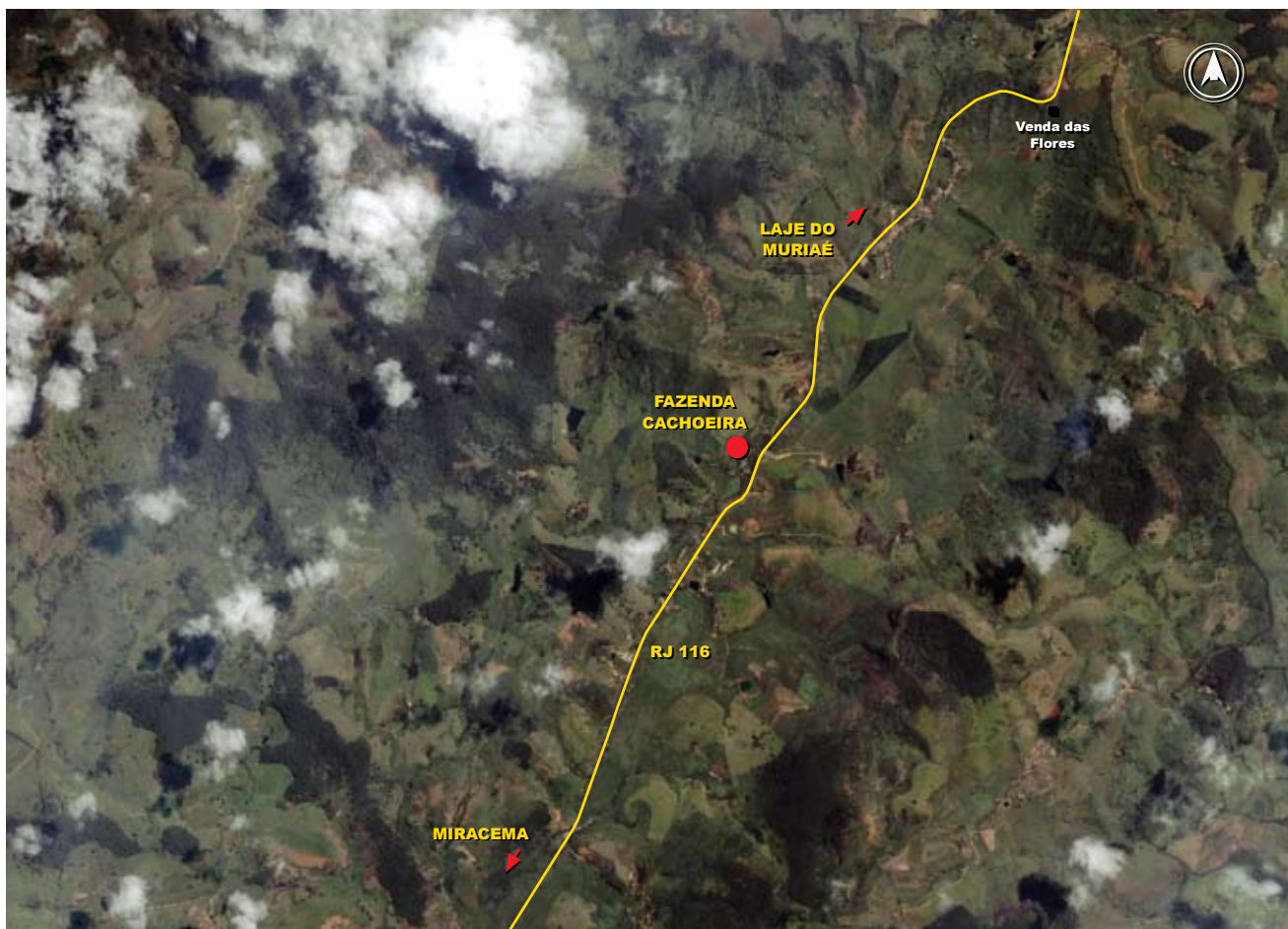
fonte: IBGE - Miracema



Fazenda Cachoeira, fachada principal.

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino – mar-abr 2009**  
equipe **Vitor Caveari Lage (levantamento de campo/digitação) e Jean Rabelo Ferreira (AutoCad)**  
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

A Fazenda Cachoeira está situada às margens da RJ116, que liga Itaboraí a Itaperuna, passando por Miracema (f01). Saindo da estrada estadual, passando por uma pequena ponte de madeira sobre o Ribeirão Santo Antônio (f02) - que nasce na serra de Venda das Flores e corta toda a cidade de Miracema, desaguando no Rio Pomba, no município de Santo Antônio de Pádua - e seguindo por uma estrada pavimentada com pedras, ladeada por coqueiros, chega-se a imponente casa-sede da Fazenda Cachoeira (f03 e f04).

Do lado direito da estrada, cercado por uma mureta de pedra revestida com massa estão localizados o antigo terreiro para secagem de café, além das edificações correspondentes as tulhas, baias, casa de força e pista para treinamento de cavalos (f05).



01



02



03



04



05

Do lado esquerdo da mesma estrada, localiza-se um açude bellissimo (f06), um barracão que serve para a guarda de carroças, uma parte do pomar com muitas mangueiras e bananeiras e a capela da Sagrada Família (f07).

Nos fundos da casa-sede, do lado esquerdo, estão localizados: o curral (f08), a ceva para porcos, galinheiro, garagem e uma casa de colono. Do lado direito, encontram-se a piscina (f09), a sauna e a churrasqueira.

Seguindo por um caminho cercado por muitas árvores frutíferas, chega-se ao ribeirão Santo Antônio, exatamente num local onde o mesmo forma uma cachoeira, fato que, provavelmente, determinou o nome da fazenda (f10). É digno de registro também, o extenso paredão de pedra que faz um arrimo na margem esquerda deste ribeirão, construído por escravos para proteção do terreno (f11).



06



07



08



09



10



11

A casa-sede, atualmente, é uma edificação com planta baixa em “L”, assentada sobre platô, sendo que o corpo principal, mais antigo, foi edificado sobre porão alto (f12), apresentando uma cobertura independente em quatro águas (f13 e f14), possuindo aos fundos um único pavimento (f15). Na parte posterior do conjunto concentra-se o maior número de intervenções modernizadoras.

Na área correspondente ao porão, que é habitável, os proprietários instalaram, após algumas obras de reforma, uma área para lazer e diversão (f16) onde mantiveram trechos da pavimentação em pedra (f17) e todo o madeirame que sustenta o assoalho da edificação.



12



13



14



15



16



17

Essa parte do porão é voltada para um grande jardim (f18) que mantém, além de flores tradicionais como gérberras e copos-de-leite, um “balanço” que testemunhou juras de amor de várias gerações da família, de visitantes e de convidados (f19). Delimita os jardins, um grande muro de arrimo de pedra coberto com massa (f20).



18



19



20

A cobertura é de telhas de barro, do tipo capa e canal, arrematada por larga e pronunciada cimalha (f21) na sua fachada frontal. Nas demais fachadas, os beirais se apresentam em balanço, revestidos com forro em madeira e encachorrados (22).

A fachada principal é composta por uma porta de entrada e onze janelas de guilhotina, em caixilhos de vidro com vergas retas, pintadas de verde, distribuídos de forma ritmada, predominando os vazios sobre a alvenaria branca (f23).

O antigo acesso era feito pela fachada lateral esquerda. Atualmente, a entrada principal para a residência dá-se por uma escada de alvenaria através de uma pequena varanda construída posteriormente.

O casarão principal possui seis quartos e uma suíte, salas de visitas, sala de jantar, sendo que alguns cômodos conservam a distribuição original e o mobiliário antigo, além de três banheiros. Estendendo-se para parte nova da edificação, seguem: copa, outros banheiros, cozinha mineira com fogão à lenha, quarto para empregados, área de trabalho, despensa, escritório, salão de jogos, piscina, sauna e churrasqueira (f24 a f27).



21



22



23



24



25



26



27

Esta área construída mais recentemente, onde se acham instaladas a copa, parte da cozinha, a sauna e a varanda, é de alvenaria com paredes de tijolos e piso revestido em cerâmica (f28). A parte primitiva do casarão mantém assoalho (f29) e, forro de madeira (f30) e paredes de pau-a-pique.

A casa é toda mobiliada com móveis de época. O destaque, porém, fica para a mobília da sala de visitas, do terceiro quartel do séc. XIX, em estilo neo-rococó, formada por um sofá, dois consolos, mesa de centro e cinco cadeiras com espaldar em medalhão oval, com a moldura dupla, separadas por bolas. O assento é arredondado com ondulação na frente e forrado de palhinha; tem pernas curvas com pé de cachimbo (f31).



28



29



30



31



A capela existente foi construída em 1957 para substituir a primitiva capela da fazenda, que ficava em um dos cômodos da casa-sede. Ali, segundo a proprietária, estava enterrada uma grande pedra cortada ao meio, que alguns acreditavam ser uma urna funerária, outros, uma espécie de pedra fundamental, em cujo centro eram depositados objetos, documentos, moedas corrente, etc.. Dedicada à Sagrada Família, possui uma arquitetura despojada, com torre sineira (f32) e sendo recoberta com telha de barro capa e canal. Mantém, na fachada principal, uma porta, duas janelas e um óculo para iluminação e ventilação (f33). O altar, em alvenaria, apresenta um nicho ladeado por duas colunas (f34 e f35).



32



33



34



35

O estado de conservação da casa é muito bom. Como a fazenda está na família Bastos há mais de um século e meio, os proprietários procuraram manter a originalidade da construção, apesar das intervenções modernizadoras havidas.

As reformas realizadas visaram sua adaptação as atuais necessidades da fazenda, como casa de veraneio que recebe muitos hóspedes durante os períodos de férias escolares e feriados prolongados. Desta maneira, foram construídos mais dois banheiros, piscina, sauna, churrasqueira e uma extensa varanda.

O forro, bem como todo o madeiramento do telhado encontra-se em perfeito estado, e são objeto de atenção especial dos proprietários que substituem peças sempre que necessário (f36).

O assoalho encerado também se encontra em ótimo estado de conservação, recebendo, constantemente manutenção.

No antigo porão, transformado em área de lazer da família, todo o madeiramento foi tratado com betume. Alguns trechos do primitivo piso de pedra foram mantidos formando uma espécie de tapete, possibilitando aos visitantes e interessados uma pequena amostra de como o espaço era antes da reforma (f37 e f38).

A parte externa e as outras benfeitorias da Fazenda também têm merecido atenção dos proprietários que procuram sempre investir na propriedade.



36

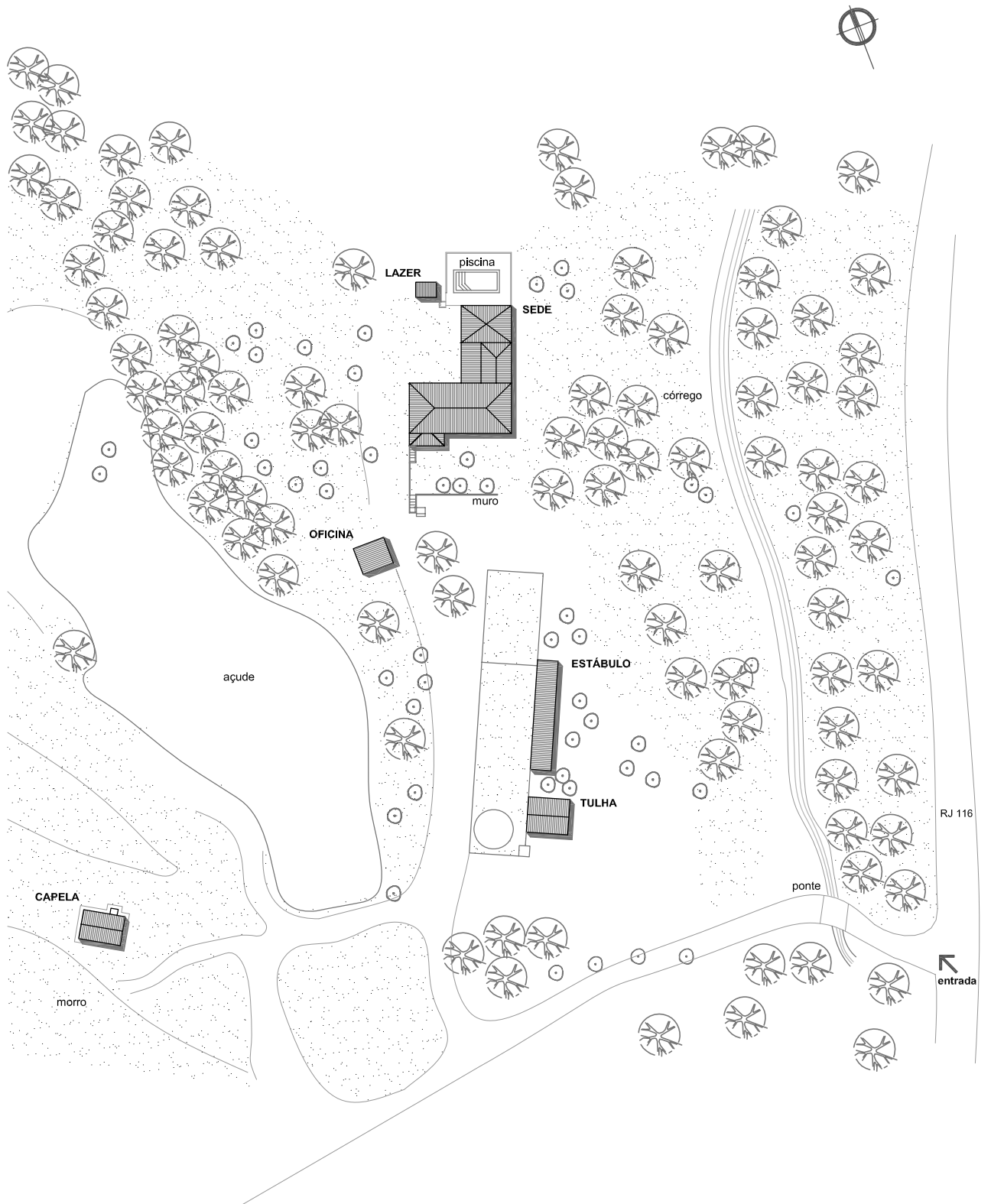


37



38

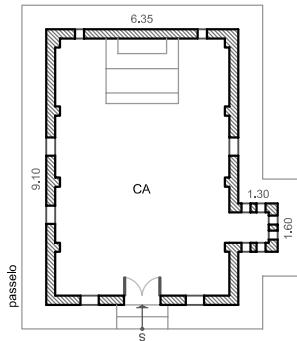
**FAZENDA CACHOEIRA**



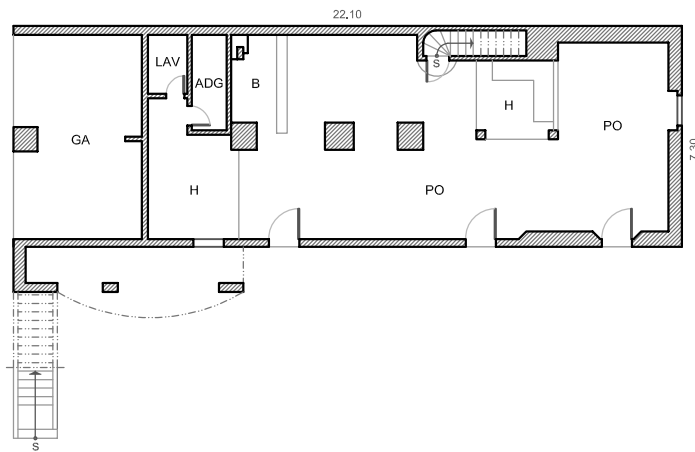
**1** Implantação  
escala: 1/1250



**FAZENDA CACHOEIRA**



**2** Planta Baixa da Capela  
escala: 1/250



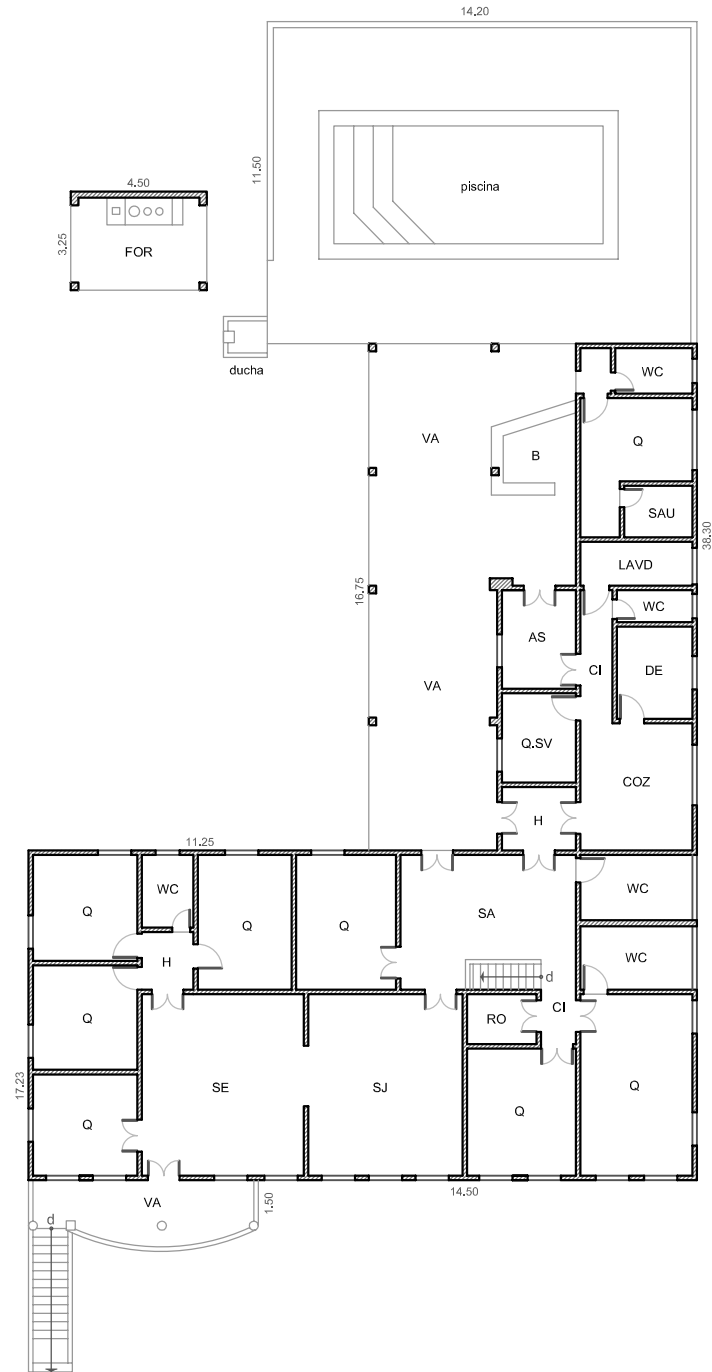
**1** Planta Baixa da Sede - Porão  
escala: 1/250



ADG - adega    CA - capela    H - hall    PO - porão  
B - bar    GA - garagem    LAV - lavabo

▨ alvenaria existente  
▤ alvenaria demolida

**FAZENDA CACHOEIRA**



1

Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento  
escala: 1/250



AS - área de serviço	COZ - cozinha	LAVD - lavanderia	Q.SV - quarto de serviço	SAU - sauna	WC - banheiro	alvenaria existente
B - bar	DE - despensa	H - hall	RO - rouparia	SE - sala de estar	VA - varanda	alvenaria demolida
CI - circulação	FOR - forno	Q - quarto	SA - sala de almoço	SJ - sala de jantar		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AVII - F01 - Mir

**3/3**

equipe:  
Marcelo Salim de Martino/ Vítor Caveari Lage

desenhista:  
Jean Rabelo Ferreira

revisão:  
Francyla Bousquet

data:  
abril 2009

Cachoeira da Laje foi o nome primitivo dado por seu fundador, o Capitão Manoel Felisberto Pereira da Silva, à sua propriedade, registrada em 22 de julho de 1855, na Paróquia de Santo Antônio de Pádua, em observância ao artigo 91, do Decreto nº 1318, de 30 de janeiro de 1854, no qual o governo provincial determinava que todos os proprietários ou posseiros de terras, registrassem até 1856, nos livros da Vigararia da Freguesia de Santo Antônio de Pádua, suas propriedades a fim de que fosse garantido que as mesmas continuassem sobre o domínio fluminense e não mineiro, como era o desejo de alguns políticos influentes daquele estado.

A fazenda fazia divisa com as propriedades de Marcelino Dias Tostes, Joaquim Cândido Guimarães, Plácido Antonio de Barros, Custódio Bernardino de Barros e João Luís de Oliveira<sup>1 e 2</sup>.

“Manoel Felisberto Pereira da Silva veio com sua esposa D. Ana Umbelina Gomes Alvim e filhos, da freguesia de Catas Altas da Noruega – Província de Minas Gerais, para Santo Antonio dos Brotos (Miracema) em 1842. Tinha muitos filhos, dos quais podemos dar notícias de: Francisco Procópio de Alvim e Silva (casado com Maria Reveziana de Alvim – filha de Anacleto Reveziano de Siqueira Alvim, em 18 de fevereiro de 1857, na Igreja de Pádua); José Cesário de Alvim e Silva, casado com Bárbara Guilhermina de Alvim, filha de Francisco Gomes Pereira Alvim, em 8 de fevereiro de 1852, na Igreja de Pádua; Pedro Nolasco de Alvim e Silva casado com Maria Umbelina da Silva Bastos em 26 de julho de 1858, na Igreja de Pádua (o termo muito lacônico não dá filiação); Teresa Emília de Alvim e Silva, casada com Ambrósio José da Costa em 4 de dezembro de 1849, na Igreja de Pádua; Maria José de Alvim e Silva casada com Joaquim Pio Gomes Alvim, em 5 de novembro de 1854, na Igreja de Pádua; Ana Theodora de Alvim e Silva, casada com João Alves Moreira, em 29 de janeiro de 1855, na Igreja de Pádua; Francisca Umbelina de Alvim e Silva casada com José Dias Tostes filho do Capitão Marcelino Dias Tostes, em 18 de fevereiro de 1857, na Igreja de Pádua; Maria Constança de Alvim e Silva casada com José Aureliano Coimbra em 6 de julho de 1858, na Igreja de Pádua, ela natural desta freguesia e ele de Rio Preto, na província de Minas Gerais; Ana Minervina de Alvim e Silva casada com o Tenente Cel. Joaquim de Araújo Padilha e ainda sogro de Joaquim José Bastos, sendo que desses dois últimos não temos melhores informações.

O Capitão Manoel Felisberto foi o homem, até agora conhecido que maior prole deixou no município, dele descendendo as famílias Bastos, alguns Gabriéis, Tostes, Padilhas, Albino, Coimbrãs e até Picanços. Foi proprietário de diversas fazendas em Miracema; exerceu cargos de eleição popular, sendo o primeiro representante da freguesia de Pádua à Câmara Municipal de São Fidélis quando foi instalado aquele município em 5 de março de 1855. Nesse ano ainda, foi eleito provedor da Irmandade do S. Sacramento organizada pelo padre José Joaquim Pereira de Carvalho, na Igreja de Pádua, em 21 de outubro...

Em 1863 era o 2º Juiz de Paz e em 1865, subdelegado de Polícia da Freguesia. Teve sempre forte atuação em todos os negócios relacionados com a vida da mesma em consequência do alto prestígio político que lhe emprestava a sua reconhecida projeção social.”<sup>3</sup>

Após o Capitão Manoel Felisberto Pereira da Silva, a Fazenda Cachoeira passou a seu filho, o Comendador Francisco Procópio de Alvim e Silva, que foi casado com D. Maria Rosalina Reveziana Alvim, filha de Anacleto Reveziano de Siqueira Alvim e de D. Maria Umbelina de Alvim e Silva, na Igreja de Pádua, no dia 18 de fevereiro de 1857.

“O comendador Francisco Procópio de Alvim e Silva, Capitão Perico, como era geralmente conhecido, exerceu diversos cargos públicos, por nomeação do Governo Imperial, e outros eletivos, como o de vereador, de 1883 a 1889, onde a proclamação da República foi encontrá-lo na presidência da Câmara Municipal. Posteriormente, no governo do Dr. Francisco Portela, foi delegado de polícia.

Trabalhador, honesto, de energia chegada à violência, quando esta se fazia necessária, era, entretanto, afável no trato, o que lhe valia o respeito e a amizade de todos.

Foi político de relativo prestígio. Faleceu no dia 5 de julho de 1892, deixando numerosa prole e alguns haveres”<sup>4</sup>.

Ainda em vida, porém, o Capitão Perico, tomou conhecimento que Joaquim José da Silva Bastos havia iniciado um processo de desmatamento em sua propriedade com o objetivo de ali estabelecer sua fazenda. Tomando conhecimento do fato,... “para lá partiu com alguns homens com a intenção de expulsá-lo. Chegando à fazenda, ficou deslumbrado com a fartura e organização local, deixando-o ficar mediante a entrega de sua produção”.

Quando Joaquim José da Silva Bastos vinha trazer a colheita para o Capitão Perico na Fazenda da Cachoeira, via à distância, à janela da casa grande, Bárbara de Alvim e Silva, irmã do Capitão Perico. Com o passar do tempo, o Capitão Perico contratou o casamento de Bárbara com Joaquim José, que se casaram sem nunca se terem falado. O casal foi morar na Fazenda de Venda das Flores que levou este nome por ser rodeada de flores. Desse casamento nasceram os filhos, Francisco da Silva Bastos, Coronel José da Silva Bastos, Augusto da Silva Bastos, Olympio da Silva Bastos, Pedro da Silva Bastos, Benigna

da Silva Bastos, Maria da Silva Bastos, Amélia da Silva Bastos, Jovina da Silva Bastos, Ana da Silva Bastos, Joaquim da Silva Bastos e Antonio da Silva Bastos, que constituíram família, casando-se conforme demonstração a seguir, recebendo cada um, como herança do pai uma fazenda: 1) Fazenda da Promissão a Francisco da Silva Bastos; 2) Fazenda do Tirol a José da Silva Bastos; 3) Fazenda Vista Alegre a Augusto da Silva Bastos; 4) Fazenda da Boa Vista a Olympio da Silva Bastos; 5) Fazenda da Divisa a Pedro da Silva Bastos; 6) Fazenda Vista Linda a Benigna da Silva Bastos; 7) Fazenda Ipiranga a Maria da Silva Bastos; 8) Fazenda do Quero Ver a Amélia da Silva Bastos; 9) Fazendinha a Jovina da Silva Bastos; 10) Fazenda Bem Quisto a Ana da Silva Bastos; 11) Fazenda Grão Mongol a Joaquim da Silva Bastos; e 12) Fazenda do Sítio a Antonio da Silva Bastos.<sup>5</sup>

O Coronel Pedro da Silva Bastos recebeu de seu pai, a título de herança, a fazenda da Divisa, que atualmente pertence ao Sr. Belarmino Soldati.

Mais tarde, adquiriu a Fazenda Humaitá, onde passou a residir com toda a sua família.

“Comprou ainda as Fazendas da Cachoeira, Boa Esperança, Bananal e Quero Ver. Consta-se que vovô arrematou por 30 mil réis, num leilão, a Fazenda da Cachoeira a pedido de seu proprietário, Arthur Procópio, dividindo a fazenda ao meio e dando a metade para Arthur”, conta-nos Gislene Bastos de Oliveira.

Político de grande influência chegou a ser prefeito de Pádua por duas vezes e vereador em Miracema. Presidiu partidos políticos e chegou à patente de Coronel, da extinta Guarda Nacional.

Na partilha, a Fazenda Cachoeira coube a Nilo Garcia Bastos, que posteriormente a vendeu para seu irmão Cícero Garcia Bastos, que após uma reforma, ali passou a residir.

Contou-nos Chicrallina Salim de Martino, que na década de 1930, aconteciam na Fazenda Cachoeira famosos e concorridos “saraus”, onde os jovens da época dançavam ao som do piano e nos intervalos saboreavam doces, refrescos e ponche. Inicialmente, iam de bicicleta. Mais tarde, quando foi estabelecida a linha de ônibus para Itaperuna passaram a se utilizar deste serviço, uma vez que a antiga estrada passava bem nos fundos da casa-sede (f39).



Fazenda Cachoeira (s/a, s/d, acervo Fazenda Cachoeira)

Também como o pai, Cícero foi político, chegando a prefeito nomeado de Santo Antônio de Pádua. As fazendas Humaitá e Cachoeira recebiam personalidades de projeção do cenário político nacional, como é o caso de Juscelino Kubitschek que se hospedou na Fazenda Cachoeira, em 1967. Retornando do exílio, aceitou o convite do jovem estudante Maurício Monteiro para vir dançar com a Miss Estado do Rio num baile realizado no Aero Clube de Miracema, fato que causou enorme sensação e reboição entre as autoridades, uma vez que estávamos no auge da ditadura militar (f40).

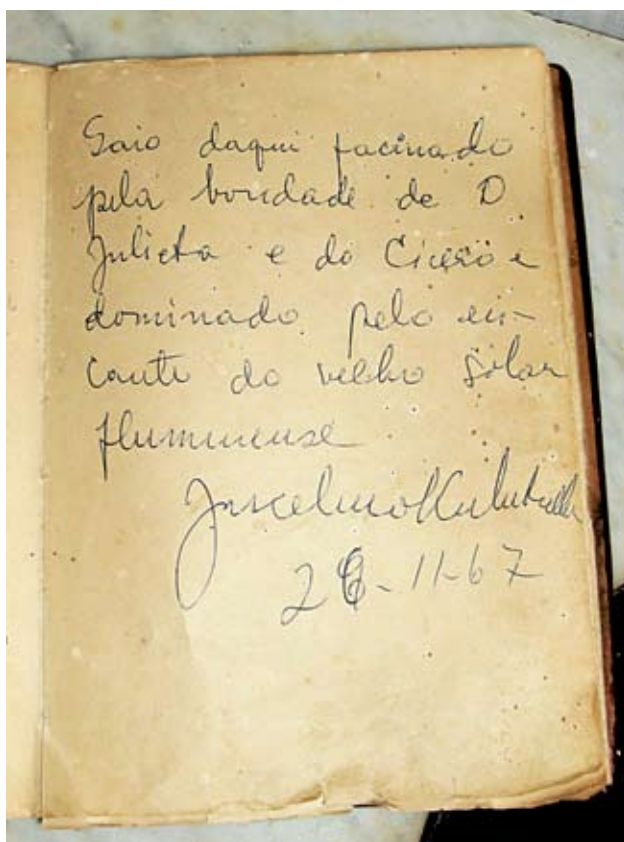
Na casa-sede há lembranças como o livro de visitas, onde ele fez o seguinte registro: “Saio daqui fascinado pela bondade de Julieta e do Cícero e dominado pelo encanto do velho solar fluminense – Juscelino Kubitschek – 26/11/67”. Ou ainda na fotografia enviada em 25/08/1968, com a seguinte dedicatória: “Para Julieta e Cícero Bastos, o abraço afetuoso de Juscelino Kubitschek” (f41).

A Fazenda, atualmente, é propriedade de Gislene Bastos de Oliveira, que tem a preocupação de mantê-la conservada e de passar para as gerações futuras a memória da família Bastos, que tantos e relevantes serviços vem prestando a Miracema há mais de um século e meio.



Baile no Aero Clube de Miracema, com a participação do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, em 1967 (s/a, acervo Fazenda Cachoeira)

40



Bilhete de agradecimento do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, pela estada na Fazenda Cachoeira, em 1967 (s/a, acervo Fazenda Cachoeira)

41